



(Des)amarrando os nós da educação social:

práticas de educadoras
e educadores sociais

Karine Santos
Dinora Tereza Zucchetti
(organizadoras)



Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - ASPEUR
Universidade Feevale

**(DES)AMARRANDO OS NÓS DA EDUCAÇÃO SOCIAL:
PRÁTICAS DE EDUCADORAS E EDUCADORES SOCIAIS**

Karine Santos
Dinora Tereza Zucchetti
(organizadoras)



Novo Hamburgo | Rio Grande do Sul | Brasil
2019

EXPEDIENTE

Presidente da Aspeur

Roberto Cardoso

Reitor da Universidade Feevale

Cleber Cristiano Prodanov

Pró-Reitora de Ensino

Angelita Renck Gerhardt

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão

João Alcione Sganderla Figueiredo

Editora Feevale

Mauricio Barth (Coordenação)

Tiago de Souza Bergenthal (Revisão textual)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Universidade Feevale, RS, Brasil

Bibliotecária responsável: Tatiane de Oliveira Bourscheidt – CRB 10/2012

(Des)amarrando os nós da educação social : práticas de educadoras e educadores sociais / organizadoras Karine Santos, Dinora Tereza Zucchetti. – Novo Hamburgo: Feevale, 2019.

Dados eletrônicos (1 arquivo : 8 megabytes).

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: <www.feevale.br/editora>

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7717-242-9

1. Educação social. 2. Juventude. 3. Educadores. 4. Psicopedagogia. I. Santos, Karine, Zucchetti, Dinora Tereza. II. Título.

CDU 37

Universidade Feevale

▪ Câmpus I

Av. Dr. Maurício Cardoso, 510 | Bairro Hamburgo Velho | Novo Hamburgo/RS | CEP: 93510-235

▪ Câmpus II

ERS-239, 2755 | Novo Hamburgo/RS | CEP: 93525-075

▪ Câmpus III

Av. Edgar Hoffmeister, 500 | Zona Industrial Norte | Campo Bom/RS | CEP: 93700-000

Editora Feevale

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos do autor (Lei n.º 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

SLAM: PROTAGONISMO JUVENIL EM VERSOS

Marília Meneghetti Bruhn¹

Hercules Marques²

Lilian Rodrigues da Cruz³

Resumo: O *poetry slam* ou *slam* é uma competição de poesia falada na qual jovens têm espaço de livre expressão poética. Este trabalho tem como objetivo discutir as potencialidades do *slam* na promoção do protagonismo juvenil em educação social. Inicialmente, descrevemos como o *poetry slam* surgiu nos Estados Unidos e como essa expressão poética coletiva se constitui no espaço urbano de Porto Alegre. Depois, analisamos as discussões do conceito de juventudes – propostos por Juarez Dayrell (2016) e por Luís Antônio Groppo (2017) – e a relação do *slam* com as juventudes, principalmente com jovens marginalizados. Discutimos como o *poetry slam* produz narrativas sobre outros modos de experimentar as juventudes, visibilizando autores e protagonistas de histórias que fogem de discursos homogeneizantes sobre jovens da periferia. Para pensar como as narrativas produzem outras subjetividades, nos inspiramos em Chimamanda Adichie (2009) e Chinua Achebe (2009). Por fim, o protagonismo juvenil no *slam* se apresenta como ferramenta na educação social e na produção de cidadania.

Palavras-chave: *Slam*. Juventudes. Protagonismo.

Para começo de (con)versa...

O *poetry slam* ou *slam* – para além de uma competição de poesia falada ou um espaço de livre expressão poética – é um movimento social, político e cultural complexo (D'ALVA, 2011). Este trabalho tem como objetivo discutir as potencialidades do *slam* na promoção do protagonismo juvenil em educação social. Inicialmente, descrevemos como o *poetry slam* surgiu nos Estados Unidos e como essa expressão poética coletiva se constitui no espaço urbano de Porto Alegre, a partir de relatos da *slammer* e pesquisadora Roberta Estrela D'Alva (2011). Depois, analisamos as discussões do conceito de juventudes – propostos por Juarez Dayrell (2016) e por Luís Antônio Groppo (2017) – e a relação do *slam* com as juventudes, principalmente com jovens marginalizados, tendo como referência alguns versos de um dos autores deste trabalho, o *slammer* Hercules Marques (2018). Por conseguinte, discutimos como o *poetry slam* produz narrativas sobre outros modos de experimentar as juventudes, visibilizando autores e protagonistas de histórias que fogem de discursos homogeneizantes sobre jovens da periferia. Para pensar como as narrativas produzem outras subjetividades, nos inspiramos em Chimamanda Adichie (2009) e Chinua Achebe (2009). Por fim, relacionamos o protagonismo juvenil no *slam* como ferramenta na educação social e na produção de cidadania.

O *poetry slam* surgiu com o intuito de promover a popularização da poesia falada, como uma forma de resistência aos círculos acadêmicos elitistas e excludentes. De acordo com Cynthia Agra

¹ Psicóloga; Mestranda em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: marilia_bruhn@hotmail.com.

² Poeta e Slammer; Acadêmico de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: hmarques130@gmail.com.

³ Psicóloga; Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: lilian.rodrigues.cruz@gmail.com.

de Brito Neves (2017), a poesia oral e performática para grandes plateias ocorre desde a antiguidade e em várias culturas. No entanto, o *slam* apresenta no espaço urbano uma nova possibilidade de poesia falada destinada ao povo, e não para uma elite. D'Alva (2011) conta que na década de 1980, na periferia de Chicago, nos Estados Unidos, o trabalhador da construção civil e poeta Mark Kelly Smith apresentou em um bar o primeiro *slam* do qual se tem notícia. “A palavra *slam* é uma onomatopéia da língua inglesa utilizada para indicar o som de uma “batida” de porta ou janela, seja esse movimento leve ou abrupto. Algo próximo do nosso “pá!”, em língua portuguesa.” (NEVES, 2017, p. 93). Nos Estados Unidos, a expressão *slam*, por exemplo, é utilizada para se referir aos finais de campeonatos de *baseball*, tênis, basquete e *bridge*. Assim, em parceria com outros artistas, Smith criou um *show* – *Uptown Poetry Slam* – no qual havia uma competição de poemas autorais. Nestas performances poéticas, os *slammers* (poetas) eram avaliados com notas do público presente. Após o sucesso desse evento, o *slam* difundiu-se para diversos países do mundo.

No Brasil, no ano de 2008, o *slam* foi trazido pela atriz e pesquisadora Roberta Estrela D'Alva (STELLA, 2015). Após ter contato com o *slam poetry* estadunidense, D'Alva idealizou a Zona Autônoma da Palavra (ZAP!), considerado o primeiro *slam* brasileiro. Desde a criação da ZAP!, este movimento cultural se difundiu pelo Brasil com a formação de diferentes coletivos de *slam*. Os *slams* brasileiros ocorrem, principalmente, em espaços públicos, como nas praças e nas estações de metrô. Os locais públicos são estratégicos para visibilizar a arte da poesia falada popular para diversos transeuntes.

Quando o Slam [...] ocupa a praça, ele ressignifica um espaço que apesar de público, na lógica da cidade neoliberal, não serve para ser ocupado por pessoas ou por artistas. Artistas fazem shows em casas de show, cobrando ingresso na porta. Poetas devem publicar e vender livros para serem lidos (FREITAS, 2018, p. 121).

Segundo Marcello Stella (2015), a ocupação do espaço público, assim como do espaço literário nacional pelos *slammers* não ocorre sem gerar conflitos. Os poemas do *Slam* desconstruem a linguagem culta, valorizando gírias e expressões da periferia. “Os sujeitos periféricos passam a reivindicar seu espaço e querem ser considerados escritores como quaisquer outros autores nacionais” (NEVES, 2017, p. 95).

Em Porto Alegre, existem dezenas de batalhas de poesias nas quais, mensalmente, os *slammers* apresentam seus poemas sobre diversas questões políticas e sociais. No Brasil, já são mais de 50 coletivos de *slam* (NEVES, 2017). Os campeões anuais de cada coletivo vão para o Campeonato Nacional de *Slams* (*Slam Br*) para determinar o grande vencedor que vai representar o Brasil na Copa do Mundo da Poesia Falada, que ocorre em Paris, na França.

Em geral, as competições de *slam* possuem poucas e simples regras: os poemas de autoria própria devem ser apresentados em até 3 minutos – sem nenhum acompanhamento de elemento cênico – aos quais um júri presente na platéia atribui notas partindo dos critérios de poesia e desempenho (VIANA, 2018). É importante salientar que, ainda que seja um espaço competitivo, o *slam* se coloca como uma possibilidade de expressão para os *slammers* e as comunidades, além de uma forma de escutar e ser escutado. De acordo com D'Alva (2011), o *poetry slam* se caracteriza pela participação coletiva, sem que nenhum participante hierarquicamente se sobreponha a outro.

Mais importante do que a competição é a celebração dos encontros e diálogos entre as diferenças que ocorre nesse espaço, principalmente entre as juventudes.

Imagens de Juventudes

Dayrell (2003) comenta que há imagens a respeito das juventudes que interferem na nossa maneira de classificar e compreender os jovens. Uma das imagens mais preponderantes é a da juventude como momento de transição, ou seja, a concepção do jovem como um ser humano incompleto, que *ainda não chegou a ser*, e que vai atingir o seu ápice na idade adulta. A partir desta perspectiva de transitoriedade adultocentrista, a juventude tende a ser vista na sua negatividade, desconsiderando as experiências do presente. A imagem de jovem como “vir a ser” é frequentemente adotada em escolas e espaços de educação formal de preparação para o trabalho.

Uma outra imagem frequente de jovem se caracteriza por uma visão romântica de juventude; como um tempo para aproveitar a vida e ter prazer inconsequentemente. “A essa ideia se alia a noção de moratória, como um tempo para o ensaio e o erro, [...] para experimentações com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil” (DAYRELL, 2003, p. 43). Essa imagem constitui a juventude como um estilo de vida, frequentemente relacionado com o mercado de consumo e a indústria cultural.

Por fim, existe a imagem da juventude como um momento de crise – na qual se destacam os conflitos com a auto-estima e instituições socializadoras (família, escola e trabalho). Com essas imagens socialmente construídas, “corremos o risco de analisar os jovens de forma negativa, enfatizando as características que lhe faltariam para corresponder a um modelo de ser jovem.” (DAYRELL, 2003, p. 43). É importante destacar que essas três imagens de juventudes descritas pelo autor referem-se a perspectivas eurocêntricas de jovens brancos de classe média e alta em uma situação privilegiada. Assim, se ficarmos focados nessas imagens de juventude, “não conseguimos apreender os modos pelos quais os jovens, principalmente se forem das camadas populares, constroem as suas experiências” (DAYRELL, 2003, p. 43).

Ao se referir a juventudes periféricas, além de desconstruir as imagens de juventudes hegemônicas descritas por Dayrell (2003), também é significativo discutir as perspectivas sociológicas de juventude que perpassam as políticas públicas, principalmente de programas educacionais não formais. De acordo com Groppo (2017), desde 1990, há duas concepções sociológicas principais: a juventude como problema e os jovens como sujeitos sociais. Quanto à juventude como problema social, enfatiza-se a ideia de que os jovens negros, pobres e em situação de vulnerabilidade social são perigosos devido ao risco de se envolverem com drogas, promiscuidade, violência e atividades criminosas. Essa construção de juventude periférica perigosa serve de justificativa para muitos projetos de instituições e que promovem educação social em áreas “vulneráveis”. Groppo (2017) alerta que esses projetos focados na juventude como problema são utilizados para “capturar supostas energias juvenis perigosas mais do que promover sua condição de cidadão em condições de igualdade aos dos jovens do asfalto”⁴ (p. 12).

⁴ A expressão “jovens do asfalto” se refere às juventudes que moram em locais da cidade que são asfaltados, diferentemente das favelas.

A segunda concepção sociológica de juventudes, como sujeito social, é a defendida por Dayrell (2016) e Groppo (2017) para ser utilizada em intervenções e políticas públicas. O jovem como sujeito é uma abordagem metodológica e ética que busca valorizar as vozes juvenis no mundo público – inclusive nos projetos que envolvem educação social – reconhecendo os jovens como cidadãos ativos e participativos.

Juventudes e *Slam*: uma combinação (po)ética

Os jovens negros e periféricos – silenciados por uma sociedade racista e elitista – se apropriaram do *Slam Poetry* como uma possibilidade de falarem, ouvirem e serem escutados – produzindo reconhecimentos a outras formas de experienciar as juventudes. A influência do rap (*rhythm and poetry*) e de outros estilos musicais que podem servir de pano de fundo para os poemas também contribui para a aproximação entre o *slam* e as juventudes (FREITAS, 2018). Para além de uma competição, o *slam* constitui-se como um potente dispositivo para dar visibilidade às narrativas juvenis. Um exemplo de narrativa de uma experiência de ser jovem é o seguinte trecho de um poema:

[...] Esse é o nosso tempo
São nossas regras
Nossas rimas
Nossas memórias
Agora pode chamar de história
Pois somos nós que escrevemos
Queimem
Todos os livros de outrora

Que mais contavam fábulas sobre invasões
Hoje eu crio minhas fábulas sobre invasões
Invadi a faculdade pelos seus portões
O segurança me parou
Eu mostrei o dedo
Depois meus cartões

Será que eu deveria estar contente?
Acho que não
Aonde eu tou, os cops tão
Mas, quem sabe
O Brasil sai campeão
O Neymar artilheiro e
A hipocrisia de capitão

Desculpa eu ainda ser o “estraga festas”
Ninguém mandou convidar essa fruta podre
É que, antes, eu só olhava pelas frestas
Por isso eu faço valer a minha presença hoje

Mas, perai, ninguém me convidou pra essa festa
Salve, aos meus ancestrais que resistiram ao coldre
Eles que me deram força pra arrombar as brechas
Por isso eu faço valer a minha presença hoje [...]”
(MARQUES, H., 2018, s/p).

Assim como nos versos acima, a partir da experimentação poética, o *slam* permite uma abertura de sentido à experiência de ser jovem, apostando na diferença. Desse modo, rompe com

certos estereótipos, lógicas e imagens hegemônicas que forjam uma “identidade jovem”, a qual cria um campo existencial limitado para o sujeito (GROPPO, 2017).

Slam: protagonismo juvenil em versos

Os *slams* promovem o protagonismo das juventudes. “A palavra protagonista vem da junção de duas palavras gregas: *protos*, que significa principal, o primeiro, e *agonistes*, que significa lutador, competidor” (DAYRELL, 2016, p. 87). O mesmo autor afirma que protagonismo juvenil significa o jovem ocupar o papel central na comunidade, em um projeto social ou em um desejado processo de mudança social.

O protagonismo juvenil como uma concepção e uma postura advindas do reconhecimento dx jovem como sujeito, que interpreta seu mundo, age sobre ele e dá um sentido à sua vida. Implica reconhecê-lo como detentor de saberes, de formas de sociabilidade e de práticas culturais (DAYRELL, 2016, p. 87).

Ao promover o protagonismo das juventudes, faz-se ecoar a seguinte questão: *quem pode contar as suas histórias?* Tanto o *Slam* quanto os projetos de educação social que enxergam os jovens como sujeitos sociais têm como foco incentivar o reconhecimento de vozes juvenis historicamente subalternizadas. Nem todos os jovens conseguem ser atores e autores principais das suas vidas: as juventudes marginalizadas frequentemente têm as suas narrativas invisibilizadas por discursos homogeneizantes. Groppo (2017) ressalta que há uma produção de discursos hegemônicos universalizantes nas políticas públicas, em geral produzidos por adultos. Esses discursos reduzem as diversidades de experiências de ser jovem a uma única forma de juventude com marcadores sociais definidos: jovens negros, classe social baixa, moradores de periferias das grandes cidades.

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2009), em uma apresentação no evento *Technology, Entertainment and Design* (TED) intitulada “O Perigo de uma História Única”, aponta-nos que, através do pensamento hegemônico ocidental, europeu, branco, somos subjetivados a naturalizar histórias, a acreditarmos em uma única verdade sobre povos. Assim, a repetição dessas histórias contadas a partir de um único ponto de vista transformam o outro naquilo que contamos sobre ele, ignorando múltiplas existências. O poeta nigeriano Chinua Achebe (2009), ao discutir a importância de cada um de nós contar as nossas próprias histórias a partir das nossas experiências, afirma que não existe uma história única. Logo, contar outras histórias a partir de outras autorias produz outros possíveis. Desta forma, partindo da ideia de visibilizar diferentes narrativas ao invés de uma única, os poemas apresentados em *slam* se mostram como uma alternativa possível de contranarrativa dessas tão diversas histórias de juventudes:

me chamaram de dramático
mas eu não sou ator
sou apático
sinto prazer em mergulhar dentro da minha própria dor

visitar esse lugar é meu hábito

eu to triste, eu sei
mas isso não é tão ruim

a tristeza
é
a
parte
mais sincera de mim
(MARQUES, 2019, p. 133)

Slam e Educação Social: uma composição potente

O objetivo final dos slams não é ganhar a fama midiática nem dinheiro com seus eventos, mas, paradoxalmente, de se fazerem ouvir, conclui Alcalde. Promover a poesia oral, falar poesias (spoken word), ler, escrever, declamar, divulgar, promover batalhas de performances poéticas, transformar os slams em linguagem, em educação – eis os desafios dos slammers ao/no mundo contemporâneo (NEVES, 2017, p. 97).

O *slammer* e educador Emerson Alcalde – criador do *Slam da Guilhermina*, em São Paulo – afirma que o *slam* é uma potente ferramenta de educação. Alcalde conta que, depois de participar do campeonato mundial de *slam* na França, em 2014, teve a ideia de trazer os campeonatos de poesia para as escolas do Brasil. Assim, Alcalde cria o *Slam Interescolar SP*, com o objetivo de difundir poesia marginal. Em 2018, ocorreu a quarta edição do *Slam Interescolar SP*, com a participação de 53 escolas de São Paulo. No âmbito da educação formal, já existem publicações de experiências que utilizam o *slam* para abordar conteúdos de disciplinas como língua portuguesa, história e literatura nas escolas de educação básica (SANTOS; COELHO, 2018; SOUSA, 2018; VIANA, 2018). Contudo, há escassez de publicações e eventos que relacionem educação social e *slam*.

No Brasil, a educação social engloba processos educativos que visam o desenvolvimento da sociabilidade dos sujeitos e, destinando-se, principalmente, para grupos em situação de vulnerabilidade ou risco social. Logo, a educação social tem uma importante função na implementação de políticas públicas como as de assistência social. Na Política Nacional de Assistência Social (PNAS), instituída em 2004 juntamente com o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), estão previstos Serviços de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos – Trabalho Educativo (SCFV – TEd), destinados a adolescentes e jovens de 14 anos incompletos a 18 anos, em situação de vulnerabilidade social (BRASIL, 2005). Nos SCFV - TEd são oferecidas atividades no contraturno da escola que visam à inserção de jovens no mercado formal de trabalho, à conscientização no exercício da cidadania e à prevenção de situações de risco social (BRASIL, 2009).

O SCFV - TEd é dividido em dois módulos: o básico e o específico. No módulo específico são oferecidos cursos que ensinam competências específicas, como informática ou culinária, que preparam os jovens para assumir uma profissão (BRASIL, 2009). Já no módulo básico são utilizadas metodologias ativas da aprendizagem – inspiradas na pedagogia problematizadora de Paulo Freire – para estimular o pensamento crítico sobre direitos e deveres dos cidadãos. A pedagogia problematizadora valoriza as singularidades e a bagagem social de cada sujeito, tendo como princípio promover a autonomia, a liberdade e o protagonismo das educandas e dos educandos (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017). As metodologias ativas – baseadas filosoficamente na pedagogia freireana – mostram-se como um processo de aprendizado via problematização, inseridas em uma proposta de construção conjunta entre educadores e educandos. A poesia do *slam* contribui para afirmar os jovens como produtores de conhecimento. Considerando a importância do

protagonismo juvenil para a educação social em cidadania, o *slam* tem se apresentado como uma forma de trabalhar questões relacionadas a relações raciais, LGBTfobia, sexualidade, violência e participação social.

O protagonismo juvenil presente no *slam* amplia a participação e decisão dos jovens na construção de novos discursos, práticas e narrativas sobre eles mesmos, sendo também potência de transformação de vida desses próprios jovens na sociedade. No cenário da educação social, a poesia de *slam* possibilita que diversas intensidades e modos de experimentar as juventudes – ao invés de perspectivas homogeneizantes e moralizadoras – tenham papel principal na produção da cidadania. Assim, afirma-se a posição ético-política de não apenas contar outras histórias como educador social, mas também ter papel coadjuvante nessas narrativas, permitindo que outros autores também possam narrar e produzir outras existências.

Referências

ACHEBE, C. **O Mundo se Despedaça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ADICHIE, C. **O perigo de uma única história**. 2009. Disponível em <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story> Acesso em 30 de Junho de 2018.

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004; Norma Operacional Básica – NOB/Suas**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – Secretaria Nacional de Assistência Social, 2005.

BRASIL. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009.

D’ALVA, R. E. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça—o poetry slam entra em cena. **Synergies Brésil**, n. 9, p. 119-126, 2011.

DIESEL, A.; BALDEZ, A. L. S.; MARTINS, S. N.. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, 2003.

DAYRELL, J. **Por uma Pedagogia das Juventudes: experiências educativas do Observatório das Juventudes da UFMG**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

FREITAS, D. **Ensaio sobre o rap e sobre o slam na São Paulo contemporânea**. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2018.

GROPPO, L. A. Juventudes e políticas públicas: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude. **Desidades**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 9-17, mar. 2017 .

MARQUES, H. **Invasão**. Porto Alegre: [s. n.], 2018.

MARQUES, H. **Jovem Preto Rei: nascido para vencer**. São Paulo: SB Edições, 2019.

NEVES, C. Slams - Letramentos Literários de Reexistência ao/no Mundo Contemporâneo. **Linha D'Água (Online)**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017.

SANTOS, D.; COELHO, I. Os Multiletramentos no Ativismo Poético: o poetry slam como ferramenta de apropriação da realidade. **Anais do Encontro Nacional de Pós-Graduação**, v. 2, n.1, 2018.

SOUSA, M. Z. S. Uma Experiência de Oficina Pedagógica de Poesia Slam em Prol da Educação Étnico-Racial. **Anais eletrônicos da III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem/ III Encontro dos Programas de Mestrado Profissionais em Educação e Letras e XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul**. 2018.

STELLA, M. G. P. A Batalha da Poesia... O slam da Guilhermina e os campeonatos de poesia falada em São Paulo. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 17, 2015.

VIANA, L. **Poetry slam na escola: embate de vozes entre tradição e resistência**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, São Paulo. 2018.